

## **Sobre folhas, pessoas e a educação na Tnuá.**

*Marcos Gandelsman*

Cursei na faculdade uma disciplina de Psicologia e Educação, e como um dos trabalhos iniciais da mesma nos foi exigida uma produção pessoal que relacionasse as diferentes referências epistemológicas de abordagens pedagógicas com experiências de nossa vida. Em diversos momentos nesse processo o Dror me vinha à mente, mas ao tomar por referência a abordagem cognitivista fui completamente capturado por memórias de diversos momentos meus como chanich, como chaver de SB e como madrich. Queria aqui remontar uma experiência em particular, que tive quando ainda era guibor. Estávamos sentados no chão, eu, meus chaverim e chaverot de kvutzá que como eu tinham oito anos, e nosso madrich para aquela peulá. Sentados lá ele chama nossa atenção para uma folha caída de árvore e nos pergunta: “o que é isso?” Respondemos que é uma folha. Ele pergunta: “como vocês sabem disso?”. A gente responde que é porque ela é parecida com outras folhas, que é verde, que veio daquela árvore ali à nossa esquerda... Passamos algum tempo nesse diálogo, refazendo a trajetória da folha desde sair da árvore até chegar ao chão, levantando ela e soltando ela para acompanhar sua decida. Quando sente que já não estamos investindo tanto nas respostas àquela questão, nos encaminha então para outra série de indagações, perguntando: “quem são vocês?” Dizemos nossos nomes. Nos pergunta: “como vocês sabem disso?”. Lembro de termos respondido coisas parecidas com o que falamos sobre as folhas, falando das nossas famílias, da escolha do nome, do que queria dizer (quem sabia dessas coisas)... Pergunta então: “por que vocês não são folhas?”. Tomamos aquilo quase como uma ofensa, e segue-se mais uma série de argumentos e conjecturas nossas atrás de convencê-lo de que não éramos folhas. Aqueles questionamentos eu iria carregar ainda durante muito tempo em minha vida, e a marca daquela experiência educativa seria estruturante para mim principalmente quando me vi também no lugar de ser educador no movimento.

Penso que retorno agora a essa experiência por algumas razões. Em primeiro plano porque o Dror é fundamentalmente a referência no meu universo pessoal à qual recorro sempre em primeira instância quando penso em educação. Em segundo porque quando me tornei mais velho o movimento estava em um tempo de repensar estruturalmente como se dava o planejamento das atividades pedagógicas e as orientações e referências que fundamentavam aquilo tudo, e nesse período nos aproximamos de pensar com base em

Piaget (principal referência do movimento cognitivista) os diferentes estágios do desenvolvimento, separando as crianças mais ou menos de acordo com nossa leitura não tão apropriada de sua obra. Em terceiro porque os pontos que o livro traz ao propor a educação para a abordagem cognitivista são basicamente os argumentos que carregávamos nas críticas que, como educadores não formais, tecíamos com frequência ao que chamávamos de educação formal, mas que em nosso contexto de discussão da disciplina situaria mais propriamente como a educação tradicional: defendíamos em oposição e esta propor situações e experiências mobilizadoras, privilegiando uma socialização que reconhece a importância das relações de reciprocidade e cooperação, importada ética e filosoficamente com permitir que crianças e jovens discutam, critiquem e se questionem a respeito de seu mundo e das relações que nele encontram.

Mas fundamentalmente acho que foi o “provocar situações que sejam desequilibradoras para o aluno” (Mizukami, 2001, p. 70) e a ideia de que “a escola deveria começar ensinando a criança a observar” (Mizukami, 2001, p. 72) que diretamente ativaram a lembrança daquele momento, de quando tinha oito anos, sentado em um círculo com meus colegas de grupo enquanto olhávamos para uma folha de árvore caída no chão e encarávamos a pergunta insólita sobre nossa identidade e sobre como podíamos provar que éramos mais do que uma folha qualquer abandonada ao relento. Sobre estes dois pontos, uma outra referência que quero usar de contraponto é Echeverria com sua Ontologia da Linguagem. Seguirei então reconstruindo esses dois argumentos com base nesta segunda referência.

Para este autor, essa história de “situações desequilibradoras” remontaria provavelmente à sua ideia da “quebra” versus uma certa “transparência” cotidiana da vida diária. Para Echeverria (2000, p. 110), a quebra é “uma interrupção no fluir transparente da vida”. São os momentos em que aquilo que se espera não vem a se realizar, seja por falha ou por intervenção externa, nos quais se toma de fato consciência da situação, e a partir de então se processa o exercício de encontrar uma forma de reestabelecer a transparência perdida. Pode ser um sinal que de repente vira vermelho, uma pessoa ou um poste que surge no meio do caminho ou um madrich que te questiona por que afinal de contas você tem essa certeza de que você é assim tão diferente de uma folha de árvore. Na tradição judaica encontramos diversas referências dessas “chacoalhadas” desconfortáveis, e de como isso é necessário para tirar a gente da inércia e nos colocar a produzir e questionar e em última instância nos implicar e nos reconhecer como parte

dessa grande história compartilhada a milênios. Só nesse desequilíbrio, nessa contestação, nessa quebra que podemos de fato pensar em uma educação voltada para a mudança, uma educação processual que envolve ativamente chanichot e chanichim, uma educação proativa e não apenas reativa, ou pior, inerte, apática, anestesiada.

Sobre o segundo ponto, de uma educação que se inicia pelo exercício da observação, segundo Echeverria é preciso estar aberto ao outro para que possamos ser acessados por este, e abertos a sermos tocados pelo que este outro nos propõe de modo a existir um verdadeiro encontro entre “pessoas”. Esse processo se inicia pela escuta, pela aproximação do outro e de qualquer outra coisa, porque como sujeitos da linguagem reorganizamos tudo o que existe com base nas leituras e narrativas que construímos sobre toda e qualquer coisa, como naquele momento que eu e minhas chaverot e chaverim reconstruímos a jornada da folha até ter chegado ao chão. Segundo Echeverria, “somos capazes de escutarmos uns aos outros porque compartilhamos uma forma comum de ser no mundo, e neste sentido, todo outro é como nós. (...) Ao mesmo tempo, somos “pessoas” diferentes. (...) Se não fossemos diferentes, para que escutar em primeiro lugar? Se não fossemos diferentes, o ato de escutar seria supérfluo. E porque compartilhamos uma mesma condição ontológica, a escuta se faz possível” (2000, p. 100).

A educação no Dror se faz dialogicamente, e tem uma orientação construtivista, reconhecendo neste sentido o protagonismo de quem se encontra envolvido no processo, seja chanich ou madrich. Acreditamos no diálogo como caminho de encontro, caminho para reconhecer, para experienciar a nossa humanidade no sentido mais amplo e profundo do termo. Se desequilibramos, se passamos por experiências por vezes desconfortáveis e desorganizadoras é apenas para poder alcançar um entendimento maior, mais amplo do que é possível dentro de nosso ser e da nossa existência judaica, tnuati, tzioni, social e coletivista. Se tomamos o tempo que em muitos lugares se desaprendeu a tomar para olhar ao nosso redor e nos permitir questionar aquilo que está à nossa volta é porque sabemos que a verdadeira libertação está em fazer um processo de tomada de consciência, a escolha de se afastar dos “espaços estreitos” de pensamento, de todo “Mitzraim” que diariamente se reatualiza em nossa vivência transparente diária, e quebrando com esses estreitamentos poder viver de forma particular, especial, aberta, motivada, chalutziana, livre no sentido mais existencial que em hebraico ganha o termo dror. Habonim Dror. Construtores da Liberdade através do construtivismo, da crítica, da implicação, da quebra, para que cada

nova shichvá que ingresse no Dror possa também viver a experiência de sair dos seus Egitos sociais, culturais e narrativos.

### **Referências:**

Echeverria, R. (2005). *Ontología del Lenguaje*, 7ª ed. Chile: Comunicaciones Noreste, 245 p. Recuperado de: [www.uchile.cl/documentos/ontologia-del-lenguaje-echeverria-pdf\\_90752\\_0\\_5938.pdf](http://www.uchile.cl/documentos/ontologia-del-lenguaje-echeverria-pdf_90752_0_5938.pdf).

Mizukami, M. G. N. (2001). *Ensino: As abordagens do processo*, 12ª reimp. São Paulo: E.P.U., 119 p.